

# A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

**Levi Fernando Lopes Vieira Pinto<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto de Artes UNESP – São Paulo/Brasil, [levi.papageno@gmail.com](mailto:levi.papageno@gmail.com)

## **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo compreender o conceito de educação integral elaborado por educadores anarquistas no final do século XIX e início do século XX. A importância de se compreender educação integral na perspectiva libertária é fundamental para se entender as próprias experiências libertárias, uma vez que é um dos conceitos que fundamenta a pedagogia anarquista e foi revisitado por autores libertários como Tolstói, Ferrer e Sebastián Fauré, que influenciaram as Escolas Modernas de São Paulo no Brasil. Para isso, esta pesquisa foi realizada em visitas a acervos e também uma pesquisa na bibliografia referente ao assunto.

**Palavras-chave:** anarquismo, educação libertária, educação integral, escolas modernas de São Paulo.

## **Abstract**

This work aims to understand the concept of integral education elaborated by anarchist educators in the late nineteenth and early twentieth centuries. The importance of understanding integral education in the libertarian perspective is fundamental to understanding one's own libertarian experiences, since it is one of the concepts that underlies anarchist pedagogy and was revisited by libertarian authors like Tolstoy, Ferrer and Sebastien Fauré, who influenced the Schools Modern of São Paulo in Brazil. For this, this research was carried out in visits in collections and also a bibliographical research related to the subject.

**Keywords:** anarchism, libertarian education integral education, schools modern of São Paulo.

## Introdução

As mudanças no âmbito económico no Brasil pré-república, no final do século XIX, serviram de estímulo para um forte fluxo imigratório de mão de obra europeia, em sua maioria, oriundos de Portugal, Itália e Espanha<sup>1</sup>. Foi com esses imigrantes que o anarquismo chegou ao Brasil e conquistou adeptos na pequena camada operária que se formava no país. Cabe nos ressaltar que a economia brasileira era predominantemente agrária e que, mesmo com a abolição da escravidão, em 1888 sustentava-se na produção e exportação de café, predominante na região sudeste do país (Fausto, 1977). Porém, a formação dessa nova classe social gerou impactos significativos na então nova república da América Latina que, com a bandeira hasteada sob a influência do positivismo (ainda que o liberalismo fosse a contrapartida ideológica que disputava seu lugar), não trouxe grandes e novas mudanças em suas instituições.

A nova força de trabalho encontrava-se sem nenhum amparo de leis que assegurassem o mínimo de condições de vida saudável. Começam então a surgir os sindicatos e as associações que abrigaram essas trabalhadoras e trabalhadores desamparados pelo Estado. É nesses espaços que o anarquismo conquista adeptos por ser uma ideologia que reivindicava (e reivindica) melhores condições para aquela nova classe operária. Nesse período, os sindicatos e associações ainda permaneciam sem nenhuma relação com o Estado, o que possibilitou a independência em suas escolhas ideológicas. Com isso, o anarquismo foi amplamente divulgado entre as trabalhadoras e trabalhadores através de jornais e periódicos produzidos, inclusive, em espanhol, italiano e francês (Moraes, 2013). Diante deste quadro de exclusão social, refletida também na exclusão dessa mão de obra das escolas, somada às péssimas condições de trabalho e à ampla divulgação do pensamento anarquista como forma de reivindicação e resistência, escolas libertárias são fundadas nas principais regiões do Brasil. Como destacou Moraes (2013):

Uma primeira ocorrência [das escolas libertárias aqui no Brasil] foi a Escola União Operária, fundada no Rio Grande do Sul em 1895, provavelmente originária da iniciativa dos ex-integrantes da Colônia Cecília, como indica Rodrigues, seguida da criação, também naquele estado, na cidade de Porto Alegre, de uma escola fundada em homenagem a Elisée Reclus, a Escola Elisée Reclus, local que o militante anarquista teria visitado em sua passagem ao Brasil. E São Paulo, a

<sup>1</sup> Não podemos negligenciar também que o estímulo à imigração europeia no Brasil está relacionado com os projetos de branqueamento do país, sobretudo com o fim da escravidão no ano de 1888. Não é nosso propósito abrir amplamente para discussão o racismo explícito nessa política de imigração, ainda que se faça necessário lembrar o quanto a historiografia tradicional brasileira tentou omitir, sobretudo nos estudos da República Velha realizados por historiadores a partir do ano de 1950. Para maiores informações, consultar Lara, S. H. (1998). *Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil*. Revista *Graduados de História* v. 16, pp. 25-38.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

Escola Libertária Geminal surgiu em 1903, e seguia o método da Escola Moderna de Barcelona. Na cidade de Santos, a União Operária dos Alfaiates teria fundado, em 1904, a Escola Sociedade Internacional, e a Federação Operária, a Escola Noturna, em 1909. (p.42)

Porém, as escolas nas quais usaremos como referência neste trabalho são as Escolas Modernas n.1 e n.2, fundadas na cidade de São Paulo em 1913. O nome “Escola Moderna” refere-se a *Escuela Moderna de Barcelona*, fundada em 1901 pelo militante catalão Francisco Ferrer y Guardia. Anticlerical e defensor do que ele chamava de educação racionalista, Guardia foi perseguido pelo Estado espanhol por suas práticas políticas, sendo a *Escuela* fechada no ano de 1906. Até que em 1909, acusado de mandante de um atentado terrorista na Semana Trágica, foi condenado à morte. Após ser fuzilado, os grupos anarquistas do mundo todo mobilizaram-se a ponto de Ferrer, na época, tornar-se uma espécie de mártir para o movimento. A morte de Ferrer foi culminante também para que em outras partes do mundo fundassem escolas que seguissem os modelos da *Escuela Moderna*. Ferrer já havia publicado um livro que divulgava a sua escola e seu pensamento pedagógico e, logo após o encerramento das escolas, fundou em Paris a *Liga Internacional para a educação racional da infância*, na qual se forneciam bases para que outras escolas fossem fundadas sob a orientação da escola modelo.

Em 1909, logo após a morte de Ferrer, os militantes anarquistas brasileiros mobilizam-se na fundação de uma experiência educacional que seguisse os modelos da *Escuela*. Assim, é fundado comitê pró-Escola Moderna em São Paulo, cujo objetivo era arrecadar fundos para que as escolas nascessem livre da influência do Estado (Rodrigues, 1992). As Escolas foram abertas somente em 1913, ambas em dois bairros significativos na época: Brás e Belenzinho. Ambos os bairros eram vistos como bairros de operários e a sua localização geográfica é emblemática, na medida em que se propõe justamente a fornecer uma educação para as filhas e filhos das trabalhadoras e trabalhadores operários.

Ambas as escolas defendiam uma “educação artística intelectual e moral” com o objetivo de despertar o “sentimento do belo, do verdadeiro e do bom” através do conhecimento “das ciências e das artes”<sup>2</sup>. No programa curricular apresentado pelas escolas, localizamos disciplinas como o desenho e a música, mas também há evidências da presença do teatro, inclusive como forma de ação e divulgação do pensamento libertário. Para além da educação racionalista desenvolvida por Ferrer, devemos considerar também o conceito de educação integral que, para os anarquistas, é fundamental no processo e nas relações de ensino/aprendizagem.

<sup>2</sup> Textos sobre as Escolas Modernas podem ser encontrados em alguns jornais anarquistas da época na sessão de propaganda, como é o caso do jornal “A Lanterna”. As propagandas das Escolas vinham acompanhadas por esta chamada.

## A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

Logo, o presente trabalho pretende contribuir com a reflexão acerca do conceito de educação integral elaborado pelos educadores/militantes anarquistas e a sua relação com o ensino de artes. O objetivo destas reflexões é construir novos olhares e possibilidades sobre o ensino das artes hoje a partir de experiências que sempre estiveram e ainda estão à margem da história oficial. Utilizaremos as Escolas Modernas de São Paulo por três motivos: o primeiro é justamente por elas se ergueram sob a égide da educação integral e ensino racionalista, reflexos de experiências anteriores já desenvolvidas por militantes libertários na Europa; o segundo motivo é a sua contribuição para a atual história do ensino de artes no Brasil e que poderá vir a oferecer uma nova proposta metodológica e didática para o ensino das artes a partir das práticas do ensino integral sob o olhar anarquista. E, por fim, refletir sobre a educação integral através de uma experiência que esteve presente na luta das trabalhadoras e trabalhadores. Para isso, está sendo consultado os jornais e periódicos da época nos acervos de universidades brasileiras como a UNESP, USP e UFSCAR<sup>3</sup>, além da consulta bibliográfica que traz reflexões acerca do ensino integral e que serviram de inspiração para as Escolas.

### Educação Integral E A Educação Racionalista

Para este trabalho, optámos por dar atenção aos autores que possivelmente influenciaram as Escolas Modernas de São Paulo. Em visita ao acervo João Penteado<sup>4</sup>, pudemos encontrar algumas obras presentes não somente na biblioteca pessoal do autor como também da Escola. João Penteado foi o diretor da Escola Moderna n.1, ao lado de Adelino de Pinho na Escola Moderna n. 2. Boa parte das informações que chegaram a nós a respeito das Escolas está relacionada com as ações de João Penteado, que conseguiu preservar parte da memória das Escolas.

Na biblioteca do militante, para além de encontrarmos obras e textos de Ferrer, há textos do escritor russo Leon Tolstói. É importante destacar Tolstói pela sua prática anarquista na sua propriedade *Iasnaia Poliana*<sup>5</sup>. Em textos sobre a sua prática e o seu pensamento a respeito da educação, encontramos algumas referências de Tolstói sobre educação integral. O

<sup>3</sup> Centro de Documentação e Memória da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”); Centro de Memória da Educação da USP (Universidade de São Paulo); Unidade Especial de Informação e Memória da UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos).

<sup>4</sup> Localizada na Unidade Especial de Informação e Memória da UFSCAR.

<sup>5</sup> Há uma controvérsia em relação à atuação pedagógica de Tolstói. Alguns autores reivindicam a experiência da *Iasnaia Poliana* como sendo a primeira escola democrática. Porém, devido à sua ação estar muito próxima do pensamento libertário, os anarquistas reivindicam como sendo uma experiência e ação própria do movimento. Cabe destacar que, no caso, pelo facto de Tolstói ser assumidamente católico, muito dos anarquistas o chamam de anarco-cristão.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

pensamento ao avesso às práticas escolares tradicionais da época já é revisto pelo autor russo ao pensar:

uma escola fundada na experimentação e na liberdade (de escolha, de ritmo), e privilegia a instrução, à educação, pois, para ele, a segunda visa buscar formar, modelar, enquanto a instrução visa ajudar ao desenvolvimento pessoal fornecendo elementos que cada aprendiz vai apropriar-se, segundo seu ritmo, suas necessidades e suas próprias crenças ou sua própria moral (Antony, 2011, p.83).

Neste ponto chama-nos a atenção de que Tolstói cria um espaço onde a criança ou o jovem possa ser escutado, possa fazer e construir suas próprias experiências e, assim, a construção do conhecimento faz-se sem coerção, castigos, premiações – típicos da escola tradicional da época. Em outras palavras:

Com Tolstói, a criança é, portanto, valorizada, considerada pelo que é, um ser autônomo a ser respeitado e compreendido. Isso significa a absoluta necessidade, para todo educador libertário, de não ocultar sua própria infância, assumi-la, ao contrário, para estar em melhor diapásão como novas vidas que ele tem por tarefa ajudar a formar (Antony, 2011, p.86).

À semelhança de Ferrer, como falaremos adiante, Tolstói pensa numa psicologia do desenvolvimento e aprendizagem da criança antes mesmo que teorias relacionadas pudessem ser pensadas dentro da pedagogia. Destacamos também a importância que Tolstói dá à questão da liberdade num contexto de miséria da Rússia e da população do campo da época. A liberdade também se relaciona com a proposta de educação integral, uma vez que a conquista da liberdade é uma ação social e que constrói na apropriação de todo o conhecimento já produzido (Gallo, 1995).

Numa publicação feita no Brasil com os textos de obras pedagógicas do Tolstói, inclusive com relatos de experiência do autor em aulas na *Iasnaia Poliana*, encontramos textos sobre o ensino de desenho e música:

Inicialmente, o escritor narra uma cena de passeio pelo campo, numa tarde de verão, na qual alguns alunos puseram-se a cantar uma melodia popular que era de seus gostos. Em sua descrição, Tolstói conta que os jovens começaram a se dividir em vozes [...] formando pequenos coros. Além disso, ele fala a respeito de dois alunos que transcreveram em notação musical tais melodias [...]. Porém, a particularidade é que esses conteúdos [musicais] eram transmitidos [e estimulados] através da prática, ou seja, cantando. Tanto que, nesse relatório, Tolstói levanta cinco pontos decorrentes de sua experiência, sendo a '3) para que o ensino de música deixa [sic] marcar e seja aprendido de boa vontade, é

A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

necessário primeiro ensinar a arte, e não a capacidade de cantar e tocar; é melhor não ensinar às crianças do povo do que ensinar-lhes mecanicamente[...] (Pinto, 2015, pp. 39-40).

Chamamos a atenção para o relato de música feita por Tolstói por dois motivos: o primeiro deles é a questão da música e do desenho, no contexto brasileiro, fazerem parte do currículo da educação formal como também nas práticas libertárias. O segundo motivo, é o ponto de semelhança metodológica na qual é tratada estas disciplinas nas mais diversas experiências anarquistas e nos mais diversos contextos. Através deles também podemos observar as características da educação integral.

Nesta perspetiva, Ferrer é o segundo autor fundamental para entendermos o que as Escolas Modernas de São Paulo compreendiam por educação integral. O anarquista catalão, na verdade, elabora o que chama de ensino racional. Para ele, nas palavras de Gallo (2014), a educação racional é uma proposta:

fortemente calcada nas ciências naturais (com profunda influência, pois, da filosofia positivista), mas atenta aos problemas sociais (o que, por sua vez, a afastava daquela ideologia) [...]. Um processo que eduque pela razão, para que cada ser humano seja capaz de raciocinar por si mesmo, conhecer o mundo e emitir seus próprios juízos de valor, sem seguir nenhum mestre, nenhum guia. Não pense, porém, que ele defendia um racionalismo extremado. Para ele, o ser humano não é apenas razão, mas um composto de razão, vontade, desejo e afeto, e um processo pedagógico não pode negligenciar nenhum desses aspectos (Guardia, cit. por Gallo, 2014, p.13).

O que Ferrer pretende destacar com o seu conceito de educação racionalista é a indissociabilidade entre o conhecimento racional e os atravessamentos das nossas sensações e emoções que também nos constitui enquanto sujeitos. Por isso, sob a influência do anarquista de Pierre Proudhon e de Sébastien Fauré, Ferrer concebe uma escola em que a prática e a teoria caminhem lado a lado, para além das atividades artísticas serem valorizadas. Assim como Fauré, na escola La Ruche, Ferrer abria oficinas das mais atividades nas quais suas alunas e alunos interagissem e desenvolvessem suas potencialidades não somente intelectuais e racionais.

As Escolas Modernas de São Paulo se colocavam, deste modo, no contexto de confeccionar e produzir seus próprios materiais ao lado das disciplinas teóricas. O fazer nunca estará dissociado da teoria. Assim como na *Escuela Moderna de Barcelona*, os jornais das Escolas eram criados pelas próprias alunas e alunos em oficinas de tipografia, para além de situações em que eles produziam também os seus próprios móveis. Neste ponto, é interessante chamar a atenção para a elaboração do conceito de educação integral feita por Sébastien Fauré. A pequena "comunidade" (uma vez que o próprio autor não definia a experiência da

## A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

Colméia, como chamava a pequena propriedade, de escola (ou algo do género) na qual Fauré fazia parte e defendia que o aprendizado de suas crianças e jovens deveria acontecer numa complexidade de atividades que se relacionava ao se divertir, ao fazer (prática) e aos estudos teóricos. As várias oficinas de diversas atividades presentes na “comunidade” possibilitavam que todo o estudante desempenhasse atividades manuais que refletiam até mesmo na autogestão<sup>6</sup> do grupo. Construía móveis para venda e um dos principais objetivos dessa prática era propiciar ao aluno a experiência do fazer e criar móveis belos como forma de que não só a aluna e o aluno possam ter a experiência da criação estética como também a trabalhadora e o trabalhador que adquire aqueles móveis com baixo custo tenham igual direito de possuir objetos não só de qualidade material, mas também de qualidade artística (Faure, 2015). Em resumo, o que Ferrer, Faure e as experiências das Escolas Modernas de São Paulo pensam sobre a educação, integra como um caminho não só para a construção plena do conhecimento, mas também como um caminho para a experiência estética. Não é à toa que as Escolas Modernas anunciavam uma educação baseada “nas ciências e nas artes”, como eram divulgadas nas pequenas propagandas dos jornais libertários.

### **As Escolas Modernas de São Paulo e educação integral: reflexões**

Um dos objetivos desta pesquisa foi procurar a forma de como o ensino das artes era desenvolvido nas Escolas Modernas de São Paulo como forma de estabelecer relações com a proposta de ensino integral elaborado no pensamento anarquista e como forma de contraposição ao sistema político e pedagógico vigente. Ressalvamos a relação da contraposição política porque pudemos observar em nossas pesquisas ao Acervo João Penteadado e a partir da leitura das propagandas sobre as Escolas nos periódicos anarquistas, que as Escolas Modernas mantinham as mesmas disciplinas que no ensino oficial. Pudemos encontrar diversos materiais didáticos das disciplinas de Geografia e História que traziam a abordagem e as propostas pedagógicas da época. Nas artes, a carência de materiais físicos esclarecedores para esta pesquisa tem-nos dificultado em levantar objetivamente conclusões que indiquem uma nova maneira ou abordagem de se fazer arte dentro das escolas libertárias e que se contrapusessem à escola tradicional.

Considerando estes pontos, antes de entrar ao mérito de fazermos reflexões a respeito da educação integral e de encontrar pontos de contacto com os autores citados, será importante destacar que as Escolas Modernas de São Paulo aparecem num contexto em que somente 25% da população paulista tem acesso à educação pública (Ghirdelli Jr, 2009). Este dado revela o quão significativo o papel das escolas era num contexto onde a maioria das filhas e filhos das trabalhadoras e trabalhadores das fábricas paulistanas eram

<sup>6</sup> Autogestão é um dos fundamentos do anarquismo.

## A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

marginalizados da escola por, justamente na situação de pobreza, ainda na infância se encontrarem no chão da fábrica para assegurar parte da subsistência da sua família. Por isso, trazer disciplinas em comum às práticas tradicionais vigentes da época e, se em certa medida (não sabemos), as Escolas Modernas não conseguiram transgredir ou se contrapor em sua totalidade ao ensino formal de então, devemos levar em consideração que a sua maior transgressão foi oferecer o ensino gratuito e de qualidade a essas crianças e jovens marginalizados.

As Escolas Modernas promoviam excursões e passeios em suas redondezas para o ensino de História, Geografia, Botânica e outras disciplinas, de forma a que os estudantes experimentassem os conteúdos no dia-a-dia. Esses passeios eram relatados e publicados nos jornais das Escolas, como o jornal *"O Início"* e o *"Boletim da Escola Moderna"*. Esses jornais eram feitos pelos estudantes também.

Apesar de não sabermos de como as disciplinas, como o Desenho, eram trabalhadas nas Escolas<sup>7</sup>, sabemos pelos relatos dos estudantes que estes eram estimulados a desenhar e a reproduzir paisagens, objetos ou qualquer outro elemento que os chamasse a atenção, ou ainda que desenhassem algo que se relacionasse ao conteúdo trabalhado durante as excursões.

No ensino de artes, apesar de não encontrarmos nada especificamente a respeito do ensino de Desenho, encontramos indícios sobre o ensino de Música. Nos artigos produzidos pelos jornais anarquistas da época que relatavam as festividades e quermesses de divulgação do trabalho das Escolas, sabe-se que os alunos cantavam hinos e melodias com temáticas sociais, como o *"Canto dos Operários"* ou o *"Hino dos Trabalhadores"*, que constam no programa da Grande Quermesse das Escolas Modernas de 1914 (Rodrigues, 1992). Nessas quermesses realizavam-se recitações de poemas e apresentações de teatro, todos eles também com caráter social.

Um rápido olhar sobre estas práticas levam-nos a concluir que a educação integral é a congregação de todas as possibilidades de vivências e experiências que conectem as várias potencialidades dos seres humanos não só individualmente, mas também coletivamente, na medida em que os expõem para a realidade em que vivem; expõem para que desenhem e cantem a respeito do que se vive; que escrevam sobre sua condição e o questione, que ajam sobre ele; que o modifiquem.

---

<sup>7</sup> Porém, sabemos que elas aconteciam graças à publicação de um dos jornais produzidos pelas Escolas chamado *"O Início"*. No final de uma das edições, há a chamada para a classe desenho, que era lecionada pela professora Isabel Ramal que, segundo o jornal, era presidente da Associação Artística Feminina do Brás. Não encontramos informações sobre a professora e sobre a Associação para que pudéssemos falar a respeito neste trabalho.



## Conclusão

Apesar das dificuldades de se falar sobre a educação integral libertária no contexto brasileiro, é curioso perceber como as formas de conceber, ainda que pelas poucas evidências que nos restam, as relações entre o conhecimento e a experiência e também a forma de como elas se articulam, coloca a noção de educação integral – fundamental para se compreender a educação libertária – como principal elemento não só de desenvolvimento das capacidades e habilidades dos sujeitos, mas também o insere na realidade em que vive, situando-o na sua condição, enquanto indivíduo marginalizado político e social.

A educação libertária se propõe, em vários momentos, a uma inovação pedagógica que anteciparia as principais correntes educacionais que apareceram anos mais tarde, no século XX, como por exemplo escolanovismo e o construtivismo. Esse percurso que a educação integral estabelece no processo de desenvolver as potencialidades do sujeito através da leitura do mundo e da realidade em que vive é algo que Paulo Freire traria novamente a discussão em sua proposta de educação libertadora.

Em suma, refletir sobre as práticas libertárias e sobre o que é a educação integral sob a ótica anarquista, faz com que percebamos a atualidade de um pensamento que se contrapõe às crises e às marginalizações. A nossa leitura atual destas experiências num contexto de retrocessos e onde o exercício de preservar a memória é constantemente ameaçado sendo uma contribuição no sentido de criar rupturas no que cada vez vem sendo imposto pelos aparatos ideológicos do Estado. Ou seja, a atualidade sobre tais reflexões é perceber que a sua história, sua memória, suas práticas e ações são um ato de resistência.

## Referências Bibliográficas

- Antony, M. (2011). *Os Microcosmos. Experiências Utópicas Libertárias. Sobre tudo Pedagógicas: "utopedagogias"*. São Paulo: Editora Imaginário.
- Fausto, B. (1977). *Trabalho Urbano e Conflito Social*. Rio de Janeiro: Difel.
- Faure, S. (2015). *A Colméia: Uma Experiência Pedagógica*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre.
- Gallo, S. (1995). *Pedagogia do Risco*. Campinas/SP: Papyrus Editora.
- Gallo, S. (2014). *Prefácio*. In.: Guàrdia, F. F. (2014). *A Escola Moderna*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre.
- Ghiraldelli Jr, P. (2009). *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez Editora.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA PERSPETIVA ANARQUISTA: REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO

Moares, C. S. V. (Org.) (2013). *Educação Libertária no Brasil: acervo João Penteado: Inventário de Fontes*. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp.

Pinto, L. F. L. V. (2015). *Por uma educação musical libertária: possíveis contribuições para o ensino de música* (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de Artes da UNESP, São Paulo. Recuperado de [https://www.academia.edu/22713765/Levi\\_Por\\_uma\\_educacao\\_musical\\_libertaria](https://www.academia.edu/22713765/Levi_Por_uma_educacao_musical_libertaria)

Rodrigues, E. (1992). *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé Editora.